



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**IULA MARIA GREEN HERVÉ**

**(depoimento)**

**2004**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-66

**Entrevistado:** Iula Maria Green Hervé

**Nascimento:** 18/07/1923

**Local da entrevista:** Porto Alegre/RS

**Entrevistadores:** Karine Dalsin

**Data da entrevista:** 13/07/2004

**Transcrição:** Camile Romero

**Conferência Fidelidade:** Ana Paula Duarte

**Copidesque:** Johanna Coelho von Mühlen/Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Giovani Frizzo

**Fitas:** (01 fita) 66/01-A e 66/01-B

**Total de gravação:** 60 minutos

**Páginas Digitadas:** 23

**Catálogo:** Vera Maria Sperandio Rangel

**Número de registro:** 01452/2005/01

**Nº da fita:** 01452/2005/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

HERVÉ, Iula Maria Green. *Iula Hervé (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2005.

## **Sumário**

Envolvimento com a Escola de Educação Física da UFRGS como aluna e como professora; descrição das aulas na Escola na década de 40; experiência como professora de basquete e vôlei; envolvimento com área administrativa da ESEF; rompimento com médicos e militares; alterações de currículo; seriação do curso; processo de federalização; uso de uniformes; projetos de pesquisa e extensão.

Porto Alegre, 13 de julho de 2004. Entrevista com Iula Maria Green Hervé, a cargo da entrevistadora Karine Dalsin para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. - Iula, eu gostaria que tu nos contasse como iniciou teu envolvimento com a Escola de Educação Física?

I.H. - Eu me lembro bem direitinho! Eu estava no último ano do Colégio Americano<sup>1</sup>, eu era interna lá e a diretora, um dia, foi na nossa sala de aula e disse: “Estão abrindo um curso muito interessante, que é Educação Física”. Eu era do time de vôlei do Americano, mas eu queria tirar Medicina. Cheguei em casa e falei com meu pai. Eu disse: “Olha, eu quero tirar Medicina”. E ele disse: “Não, eu já te sustentei sete anos num internato, não posso continuar mais”. Era um dos colégios mais caros que existia naquela época... “Eu não posso continuar mais, quem sabe tu tiras outra profissão e, depois, tu vais para Medicina”. Então, eu resolvi me inscrever na ESEF<sup>2</sup>. Eram as duas coisas que eu gostava. Eu adorei a ESEF, desde a hora que... A nossa sala de aula era uns bancos compridos, ali na avenida João Pessoa<sup>3</sup>, e o estádio que nós fazíamos, era o estádio Ramiro Souto, na Redenção<sup>4</sup>. Então, assim que voltei da formatura, eu me inscrevi na ESEF e tirei o curso. Foi em 40, era tudo na ESEF, era experimental, e nós tivemos que fazer todas as disciplinas, porque o nosso curso poderia ser negado por falta de alguma habilidade, alguma coisa que fosse feita e que nós não tivéssemos. Por isso, nós tivemos remo, natação, futebol, voleibol, basquetebol, todas essas coisas, e fisiologia, anatomia, fisiologia, massagem não, era fisioterapia, eram disciplinas da Escola. O elenco de disciplinas, eu não me lembro todo agora, mas era bem grande. Faltava a parte didática, que essa só foi incluída quando eu fui para universidade, eu fiquei no Departamento de Ensino e Currículo, e aí foi incluída a parte didática da Escola. Foi assim que eu comecei na Escola, mas não a parte didática, a parte didática foi no fim.

K.D. - Essa primeira turma que a Escola teve, como a senhora definiria o perfil desses alunos que entraram?

---

<sup>1</sup> Colégio localizado em zona central na cidade de Porto Alegre.

<sup>2</sup> Escola de Educação Física da UFRGS.

<sup>3</sup> Avenida de Porto Alegre, localizada no Centro da Cidade.

<sup>4</sup> Também conhecido como Parque Farroupilha, onde se localiza o Estádio Ramiro Souto.

I.H. - Olha, eram todos assim, com uma amizade única. Eram os rapazes, as moças completamente... Amigos da gente... Nós tínhamos, também, uma disciplina que era Canto Coral. Imagina tinha basquete depois Canto Coral. E, então, éramos muito amigos, ninguém brigava na Escola, nem queria lutar com ninguém, de jeito nenhum. Todos se gostavam, era um ambiente maravilhoso. Essa, vamos dizer, organização da primeira turma, nós tínhamos cento e tantas colegas e, em setembro, nós fizemos o carro de fogo, que era do Exército que caía fora da Escola [riso], como diziam. Era desligado da Escola se não passasse em alguma disciplina do carro de fogo. Então, nós tínhamos que passar em todas as disciplinas e aí, já foi uma primeira seleção. Eu era da turma A, número 14 e todas as minhas colegas eram muito boas, a gente se ajudava muito. Eu me lembro que uma colega tinha muita dificuldade no salto, então, ela botava [riso] uma vassoura no quarto dela para pular a vassoura e eu ajudava [riso]. A vassoura ficava atirada entre um banquinho e a cama, e ela tinha que saltar ali por cima, não tinha jeito nenhum. E nós fizemos saltos, corridas, lançamentos, tudo isso, a parte individual e a parte coletiva. Fizemos tudo, todas as disciplinas que poderiam influir de uma maneira ou de outra no nosso currículo por falta, o que é demais.

K.D. - A senhora pode explicar um pouco melhor a questão do carro de fogo?

I.H. - Ah! Era um exame que havia na Escola de Educação Física do Exército no Rio. Esse exame, em setembro, era para seleção de quem tinha conseguido tudo, todas as disciplinas em nível bem bom até ali, quem não tivesse, saía fora da escola.

K.D. - Mas no que consistia?

I.H. - Eliminatório. O exame consistia em todos os esportes individuais, todos os esportes coletivos, todos os esportes náuticos e de terra que nós tínhamos, que eram as partes de ginástica geral.

K.D. - E, como vocês eram avaliados?

I.H. - Nós éramos avaliados por uma banca com três professores da disciplina. E, outra coisa... Eu fiz muito também... Os exames de ingresso nós não fazíamos, nós repetíamos os

exames, vamos dizer assim, de ingresso na Escola. Tínhamos que saltar, carregar e tudo isso, tinha um determinado limite para entrar ou não na Escola. Esse era o carro de fogo.

K.D. - Se avaliava o rendimento?

I.H. - Não o rendimento, tinha que mostrar um crescimento. Por exemplo, eu saltei um metro e vinte e cinco [riso], eu não saltava nem um. Passando o salto [palavra inaudível], que é aquele que a gente levanta a perna, vira no ar e, depois, cai do outro lado... Hoje em dia, o salto em altura é completamente diferente. Eu já nem entendo mais, e admiro muito a turma que cresceu muito. Esses dias, eu estive lá visitando o Pós-Graduação, vale a pena. Sempre se dizia, do Pós-Graduação: “Vamos adiante, isso é pouca coisa para vocês”. Esses dias me disseram que todos tem doutorado lá, só tem um ou dois que não são, o resto tudo fez doutorado.

K.D. - Nessa primeira turma, a maioria eram mulheres?

Y.H. - Sim, a maioria eram mulheres, mas tinham homens.

K.D. - Mas, por que a maioria era de mulheres?

I.H. - Porque eu acho que era um curso assim que... Mas tinha bastante rapazes, tinha sim. Não sei quantos, nessa época, não sei quantos rapazes, mas tinha bastante pessoal, não sei o que representa essa turma.

K.D. - Como é que era visto o curso de Educação Física pela sociedade?

I.H. - Ah! O curso de Educação Física era um cursinho. Quem se dedicava à Educação Física não era valorizado como é agora. Esses dias, eu estava lendo no jornal que os rapazes estavam reivindicando horários para a Educação Física. Antigamente, quem não quisesse dar aula de Educação Física para um colégio “não, não tem lugar, não tem isso, não tem aquilo”. A Escola passou muito tempo assim, nós mudamos. Olha a evolução da

Escola! A primeira Escola foi ali na João Pessoa, depois a segunda foi lá na ACM<sup>5</sup>, a segunda ou terceira, depois foi o estádio do Cruzeiro<sup>6</sup> e depois é que nós conseguimos o nosso terreno, nossos trinta hectares ali. Aí, ficou a Escola lá, com tudo.

K.D. - E, qual era a ligação com os militares?

I.H. - A ligação foi terminando assim que eles foram se afastando. Que já tinham tempo de serviço, essa coisa toda. Tinha, ainda tem alguns resquícios de militares lá! Tem, tem algum que não sei se já se aposentou, o professor que entrou por último, ele entrou como aluno lá. Eu sei os apelidos...

K.D. - Tu podes falar os apelidos.

I.H. - É, era o Barriga<sup>7</sup> e o amigo dele, os dois, eu até mexi com eles. Eles estavam na universidade, eu sabia que ele podia ser diretor da Escola. Eu disse a ele: “olha vote em mim aí” [riso] e ele era chefe de departamento e eu dizia: “vota em mim aí que eu quero ser diretora da Escola”. Aí, fui coordenadora de curso muito tempo.

K.D. - A senhora começou a lecionar na Escola...

I.H. - Em 41. Eu tenho as portarias que designam, nós éramos sete professoras.

K.D. - Em 41?

I.H. - Em 41, depois de formadas em 41, eu me lembro.

K.D. - Professora de basquetebol em 41?

I.H. - É basquetebol. Vamos ver as professoras... A Helena, é a primeira, era a Helena Kurtz, a Zaida Marques Palhares, a Jóia Dacamino, é essas são as que eu me lembro, as

---

<sup>5</sup> Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

<sup>6</sup> Esporte Clube Cruzeiro de Porto Alegre, fundado em 1913.

<sup>7</sup> Nome sujeito à confirmação.

sete professoras da... A Eucide Eonéia que depois morreu, a Lisarb Vasconcelos<sup>8</sup>, que ficou lá de professora de esporte individual. É isso aí, e, depois, tinha os professores das matérias teóricas que era o Dr. Poli<sup>9</sup>, o Dr. Hoffmeister<sup>10</sup>, eram todos médicos. O Dr. Ruy Gaspar Martins<sup>11</sup> é de cinesiologia.

K.D. - As turmas tinham divisão de rapazes e moças, correto?

I.H. - Sim, nós tínhamos turma feminina e masculina.

K.D. - E, a senhora dava aula?

I.H. - Sim, eu dava aula de ginástica geral feminina.

K.D. - Os rapazes faziam essa disciplina?

I.H. - Também tinham professores. Tinham essa disciplina sim, ginástica geral masculina.

K.D. - No cotidiano da Escola quais são as diferenças que tinham para rapazes e moças? Tinha alguma diferença no currículo?

I.H. - Não, era isso [riso]. Não tinha diferença no currículo. Nós tínhamos que fazer tudo e os rapazes também. Mas o importante é que quando chegávamos na ginástica rítmica, era aquela coisa [riso] eles ficavam...

K.D. - E as disciplinas, por exemplo, como futebol?

I.H. - As disciplinas como futebol, nós estudávamos mais teoricamente futebol do que praticamente. Os rapazes praticavam e o professor, não me lembro quem era, parece que era o Mendes Ribeiro<sup>12</sup>.

---

<sup>8</sup> Ex-Professoras da ESEF.

<sup>9</sup> Poli Marcelino Espírito, da disciplina de Higiene Aplicada

<sup>10</sup> Professor Alfredo Hofmeister, da disciplina de Socorros de Urgência.

<sup>11</sup> Ex-Professor da ESEF, em 1942.

<sup>12</sup> Antonio Carlos Beck Mendes Ribeiro

K.D. - E as moças não praticavam?

I.H. - Não, futebol de campo, não. Nem existia, naquela época, o futebol de salão, futebol sete, como é hoje. Quantos tipos de vôlei existem, é isso aí! Graças a Deus, se não, botavam tudo em cima da gente.

K.D. - A senhora foi uma das primeiras professoras de basquete?

I.H. - Fui! Depois eles contrataram outra, porque a gente dava uma porção de disciplina. Era ginástica geral, era basquete, era isso, era aquilo. Aí, depois, contrataram mais professores porque a Escola - coisa mais engraçada que eu notei - nunca teve carência de alunos, sempre teve alunos a mais do que era pensado. Uma coisa engraçada isso, porque, hoje em dia, tem tanta vaga para lá, vaga para cá, na universidade mesmo. E, a Escola, apesar de ser um curso novo, ela despertou muito interesse, principalmente, entre as mulheres.

K.D. - O basquete em alguns momentos da história, ele teve...

I.H. - A Nilza foi a segunda professora de basquete. A Nilza Viana<sup>13</sup>.

K.D. - Teve uma certa resistência em alguns momentos no basquete feminino, pela questão de ser visto como um esporte que era bruto, que tinha contato. Na Escola, a senhora não...

I.H. - Na Escola, não havia isso. Tinha uma aluna até que ela dizia assim para mim... Era depois do almoço... Que a bola tinha que ser recolhida pelos professores, porque então a gente... A aula de basquete era depois da uma hora da tarde. Então, tinha aluna que ia para casa almoçar e voltava. E, eu tinha uma aluna lá, que precisava de basquete. Era de seis pessoas, e, então, ela desmaiava de calor e, nós jogando afastado dos professores, que não tinham chegado ainda. A gente que levava uma bola e jogava basquete, eu de professora e elas de aluna. Então, elas diziam assim: “Dona Iula, não bota ninguém no meu lugar eu já levanto”! [riso] E caía desmaiada [riso]. Tu acreditas? Olha, era uma coisa! A bola não podia ser deixada a vontade, nem com rapazes, nem com moças. Tanto, que o diretor de

ensino, o coronel Moreira<sup>14</sup>, a quem eu devo muitas obrigações para ele, era um tipo muito nervoso, mas muito boa pessoa. Ele me chamava de Iulouca [riso], me chamava “ô Iulouca” [riso]. A minha mãe foi lá no primeiro ano do colégio Americano, que eu estava fazendo a Escola, e, a minha mãe costumava controlar nosso estudo, as nossas coisas. Então, a minha mãe chegou lá e falou. Naquele tempo, ele era tenente da Brigada, ele era diretor de ensino, foi lá falar com ele e disse: “Tenente Moreira, como é que está a minha filha?” Diz ele: “Ah! A sua filha? Sua filha é muito boazinha, muito bonitinha, mas muito mal criada.” [riso] Minha mãe quase morreu [risos]. Era assim [riso]...

K.D. - E, o voleibol dentro da Escola? Eu gostaria de saber um pouco sobre voleibol, sobre como foi a disciplina de voleibol?

I.H. - Ah! O voleibol foi a segunda disciplina que eu peguei. Depois, eles tinham prometido que... Aquele negócio, mudava Pró-Reitor, mudava de disciplina, que engraçado a gente era eclético, [riso] a gente era muito eclético lá. Mudava a disciplina, tu vais para lá que outro vem para cá, não eram demissões, eram transferências. Depois, foi uma professora de vôlei muito boa, a Lisarb Vasconcelos, era muito boa aluna. Depois, foi a Diva<sup>15</sup>, tu deves conhecer a Diva. Até hoje [riso] tem lá em Tramandaí<sup>16</sup>, a cancha dela de vôlei. A Diva é muito querida também, a gente se deu com as antigas, com as novas que iam entrando e tudo isso. Sempre houve harmonia, nunca houve uma coisa que falassem de uma ou de outra. A gente, às vezes, é que adivinhava certos casos para dar uma ajudazinha.

K.D. - Como eu estudo mais especificamente vôlei, no que eu pesquisei, percebi que as moças se afeiçoaram muito pelo vôlei...

I.H. - Sim.

K.D. - Aqui no estado...

---

<sup>13</sup> Nilza Endress Vianna

<sup>14</sup> 1º Ten. João Gomes Moreira Filho, ex-professor de História da Educação Física

<sup>15</sup> Diva Corrêa Santiago, ex-atleta de voleibol.

<sup>16</sup> Cidade do Litoral do Estado do Rio Grande do Sul.

I.H. - Sim, gostavam muito de vôlei, todos os colégios femininos aqui era internato, que, naquele tempo, havia internato. Era o Bom Conselho<sup>17</sup>, Americano, Sevigné<sup>18</sup>, eram colégios, vamos dizer assim, de gente fina sabe, eram colégios custosos e tudo isso. A gente do interior do Estado, naquele tempo, não podia vir para cidade estudar como vocês, tinha que vir para o internato. Eu vim com oito anos para o colégio e saí com dezesseis.

K.D. - A senhora é de onde?

I.H. - De Guaíba<sup>19</sup>, aí pertinho. É, eu sou de Guaíba.

K.D. - E, como era a Educação Física escolar que a senhora tinha?

I.H. - A Educação Física escolar? Olha, era assim a gente tentava fazer alguma coisa, mas a Educação Física sempre atrapalhava as outras professoras ou qualquer coisa assim, então a gente tenta... Eu não fui, dessa época, professora, a não ser da ESEF e, depois, no Santa Luzia<sup>20</sup>. Mas, geralmente quem usava óculos escuros, bolsa a tira colo, pessoal dizia [riso] que eram aqueles professores que não botavam nem um abrigo para fazer Educação Física. Sentavam e mandavam os alunos jogar bola, era isso.

K.D. - E, quando a senhora foi aluna do internato no Americano, como é que era a Educação Física?

I.H. - A Educação Física lá era muito boa. Nós estudávamos dança até a 5<sup>o</sup> série, a Tony<sup>21</sup> foi minha professora lá, a Tony era maravilhosa. Então, a gente tinha ginástica rítmica e tínhamos esportes. [Conversa com outra pessoa]. Mas é isso aí. Quanto a ambiente, não existia ambiente melhor.

K.D. - O Americano era só feminino?

---

<sup>17</sup> Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, em Porto Alegre.

<sup>18</sup> Colégio Sevigné, localizado no Centro de Porto Alegre.

<sup>19</sup> Cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre.

<sup>20</sup> Instituto de Educação Santa Luzia, localizado no Bairro Cavalhada, em Porto Alegre.

<sup>21</sup> Antônia Seitz Petzhold, ex-professora de Natação.

I.H. - Só feminino.

K.D. - E, quais os esportes que vocês aprendiam na Educação Física?

I.H. - No Americano? Era vôlei, era basquete, era caçador. Naquela época, o caçador batia muito a bola aqui no seio, depois, nós tivemos que abandonar, que as direções dos colégios resolveram abandonar. Deixa eu ver se está aqui, eu tinha separado as coisas...

K.D. - A senhora teve envolvimento com algum departamento da Escola, além de ser professora?

I.H. - Com departamento da Escola?

K.D. - É.

I.H. - Já. Eu fui coordenadora geral dos cursos na Escola. Vamos dizer assim, também chefe de departamento e, depois, fui para UFRGS<sup>22</sup> e ali, eu fui sempre chefe de departamento e terminei como diretora, na direção da UFRGS.

K.D. - Como era o cotidiano da Escola? Poderia nos contar um pouquinho? Os horários das...

I.H. - Sim, as matérias teóricas eram de manhã cedo e as práticas das nove e meia em diante. Eu, naquela época, dava didática, que sorte que eu tive. Eu dava sete horas didática. Quem é que queria saber de didática às sete horas da manhã? Eu não sei se agora ainda fazem isso.

K.D. - Sete e meia.

I.H. - Sete e meia? Ah! Então, ainda fazem isso.

K.D. - A senhora mencionou que cantavam hino ao chegar na escola?

I.H. - Cantávamos. Tinha um exercício que a gente puxava o sino com a mão e puxava salsicha com a outra e depois mandava mudar... [conversa com outra pessoa] Então, um dia, um estava de conversa e o diretor mandou: “Quem vai dirigir o Hino Nacional é a Lula”. Aí, eu comecei a dirigir o Hino Nacional com exercício [riso]. Ficou tão brabo, mas não disse nada. [riso] Eu fazia cada uma, que as gurias bah! Meu Deus, eu guardei tanto as minhas coisas da Escola... Aqui...

K.D. - E, depois teve um período que foi mais conturbado, que eu acredito que tenha sido o período da Ditadura Militar.

I.H. - Foi.

K.D. - E, nesse período pela Escola ter uma ligação forte com os militares...

I.H. - Eu tinha muitos alunos que eram da Brigada. Me lembro bem de uma coisa dessas. Como eram oficiais da Brigada, eu dizia para eles: “Não ataque os estudantes, são colegas de vocês”. Então, eles diziam: “Mas nós não podemos fazer isso dona Lula, porque com soldado é assim, quando a gente diz dá, ele dá até na mãe dele, ele não distingue uma coisa da outra, ele vai”. E, uma manhã, eu cheguei na Escola - eles tinham passado a noite na rua, dando policiamento - e chegou um aluno nosso que tinha sido agredido por eles. Quando ele viu que eles estavam com aquela coisa do braço de ter estado em ação, ele disse: “Vocês são...” já disse um nome feio para eles: “Vocês não passam de pé-de-porco”, uma coisa assim, pé-de-porco, te lembra? Não, tu não lembras, tu não te lembras. E, um deles disse assim para o aluno: “Olha você está preso”. Eu olhei, entrei na aula calmamente, mandei todo mundo sentar e disse: “Escuta uma coisa, aqui não entra política, não entra nada que não seja permitido por mim, a não ser nossa aula, porque aqui eu sou a autoridade máxima que vocês podem conhecer e aqui ninguém vai reclamar de ninguém, todos podem sentar e ficar sentados e vamos começar nossa aula”. Eles sentaram, todo mundo, mas eu fiquei tremendo que houvesse alguma briga, alguma coisa, porque houve um palavreado meio...

K.D. - Nesse período, a ESEF tinha diretório acadêmico?

---

<sup>22</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

I.H. - Tinha, tinha o centro acadêmico Paulo<sup>23</sup>... Como é que... [palavra inaudível]

K.D.- E, como funcionava o Centro Acadêmico? A senhora lembra?

I.H. - O Centro Acadêmico não funcionava, quer dizer, funcionava muito bem com eles lá e tudo, mas a gente não freqüentava. Professores não freqüentavam o Centro Acadêmico. Sabia-se que tinha, mas a gente mal dava a aula e ia embora para casa. A gente tinha os filhos pequenos. Uma época, nós todas engravidamos, o médico quase morreu de susto [risos].

K.D. - Como foi essa história?

I.H. - Ah! O médico quase morreu de susto. Nós jogávamos sete partidas de vôlei, com seis meses, sete meses de gravidez e o médico desesperado. O doutor, eu não me lembro muito dele, quer dizer, eu me lembro muito dele. Olha aqui ó.

K.D. - Isso foi em que período? Que ano?

I.H. - Olha aqui, essa foi minha portaria de nomeação, vê que data tem aí.

K.D. - Quinze de março de mil novecentos e quarenta e um. Foi para reger a cadeira de basquetebol.

I.H. - Reger a cadeira, naquela época. [toca o telefone]

K.D. - A senhora não lembra de atividades que o Centro Acadêmico desenvolvia, se tinha alguma militância política no Centro Acadêmico?

I.H. - Olha, que eu saiba não! Eu era meio por fora disso, é o que eu te disse, que nós tínhamos os filhos pequenos e a gente mais corria para casa. Mas, não havia nada que demonstrasse, vamos dizer... Na engenharia, que meu filho estava cursando, no Centro Acadêmico, havia mais política. Naquela época, o pessoal já se posicionava em relação à

---

<sup>23</sup> Diretório Acadêmico da Educação Física Paulo Rollerbach.

política. Agora, a Escola, não sei se pelo objetivo da Escola que... A Escola, naquele tempo, ela propunha para os alunos uma vida maravilhosa, porque o acesso à Educação Física é caro. O que é a primeira coisa que os colégios que tem posses fazem? Eles fazem toda parte da Educação Física, para se promoverem. Naquela época, às vezes, perguntava, eu perguntei muitas vezes: “Por que você veio para Escola?” “Ah, porque eu gosto de esporte, gosto de jogo!” E, eles tinham acesso a isso. Então, o ambiente, vamos dizer assim, de liberdade na escola e jogos e essas coisas todas, eu acho que eles não tinham tempo para pensar em se...

[FINAL DA FITA 66/01-A]

I.H. - A Escola era muito boa, nesse ponto a gente tinha muito auxílio, muita coisa. Agora, entre os professores, houve, vamos dizer assim, querendo prejudicar outra pessoa, tirar o lugar, naquela época. Quando nós estávamos para passar na universidade, uma vez eu descobri que eu era - a gente chamava naquela época, peixinho do fulano, peixinho do ciclano. Meu sogro era do Estado, ele era, vamos dizer assim, conselheiro do Estado e ele pediu, ele não se lembrava, porque meu sogro era assim, não se lembrava que a Escola estava pedindo o ingresso. A Universidade estava pedindo também que a Escola passasse para lá, porque a presença foi mútua, tanto na Escola, como na Universidade; e o meu sogro pediu vistas ao processo. Eu pensei vistas ao processo. Quando eu vi, na Escola, estava todo mundo trombudo: “Ah, ele está te protegendo, não sei o que”. “Que nada, o velho nem sabe que eu estou aqui”! [riso] Ele era desligado, é coisa engraçada. Era assim.

K.D. - Os professores entravam na Escola por indicação? Por concurso? Como era feito?

I.H. - Não, a entrada foi sempre por indicação dos professores, porque precisava ter uma formação que fosse, vamos dizer assim, quase que genérica para tudo, todas as coisas da Escola, porque ora faltava professor aqui, ora faltava professor ali, então, a gente podia substituir.

K.D. - Poderia se dizer que a maioria fez o curso de Educação Física?

I.H. - Todas nós fizemos. Nenhuma entrou por baixo do pano, todas nós tínhamos o curso de Educação Física.

K.D. - E os professores da primeira turma, os professores de 40, eram formados aonde?

I.H. - Eram formados na Escola Nacional do Rio...Na Escola do Exército e na Nacional do Rio de Janeiro, eram formados lá. Todos formados e, todos que ficaram lá, também se formaram na Escola. Pelo menos é o que eu sei.

K.D. - A senhora poderia nos falar um pouco sobre as alterações de currículo que a senhora vivenciou dentro da ESEF?

I.H. - Ah, sim! O currículo da ESEF. Eu sempre achei que o currículo da ESEF precisava de muita coisa. O currículo da ESEF era assim: uma licenciatura, dava acesso a uma gama de coisas muito grande, a uma gama de tarefas muito grande que podiam ser exercidas pelos alunos. Então, por exemplo, um simples cursinho de licenciatura, de três anos, como era antigamente, ele dava licença para abrir um centro de yoga, um centro de treinamento, um centro disso, um centro daquilo. Agora, professor ninguém queria ser. É a coisa mais engraçada que como professor, o assunto escola era muito mais para fazer qualquer outra coisa, menos lecionar para criança e ir pro colégio dar aula de Educação Física. Poucos professores, eu me lembro disso, o professor Fredolino<sup>24</sup> foi um. Professores que a gente sabia que se formavam lá e tudo isso, assumiram a parte de formação. Então, foi assim essa história da ESEF com os professores, eram todos formados e todos tinham habilitação.

K.D. - Inicialmente era um ano de curso?

I.H. - Não, um ano só. Agora vou te mostrar aqui o diploma, era um ano só... [fala com a gata] Eu trouxe uma coisa aqui para ti... Eu estou vendo, olha aqui: Federação Esportiva dos Acadêmicos da UFRGS. Eu fiz parte também da comissão de carreira<sup>25</sup> da UFRGS, fiz parte da comissão permanente de tempo integral, dedicação exclusiva.

---

<sup>24</sup> Fredolino Alberto Ricardo Taube, ex-diretor da ESEF em 1970.

<sup>25</sup> Atualmente conhecida como Comissão de Graduação.

K.D. - Dentro das alterações de currículo, o curso tinha um ano de duração? Depois?

I.H. - Não, foi só um ano, só o nosso ano que teve duração, assim mesmo não foi um ano, foi mais de um ano, foi um ano e meio o nosso curso. Tanto que, quando eles contam essa parte de aniversário da escola, dia 6 de maio... É, este curso começou em setembro de um ano, depois, foi a maio do outro ano. E, eles nos concederam, o Ministério da Educação nos concedeu, pelo currículo que nós fizemos e todas as atividades que nós fizemos, o curso de licenciatura a nível superior, nos concedeu isso aí. Quer dizer, que ele passou a ser nível superior por causa do conteúdo que nós fizemos.

K.D. - Depois o tempo para graduação se tornou maior?

I.H. - Muito maior. Hoje, quantos anos são?

K.D. - Quatro.

I.H. - Quatro, pois é. Foi um só, um ano, quase dois anos, um ano só. Depois, então, ele já entrou em três, independente à Escola, mas entrou em três anos com os currículos.

K.D. - Alegando o quê? Alegando quais motivos para passar de um ano para três?

I.H. - A gente começou a fazer as disciplinas, começou a se elaborar o tipo de disciplina que seria de primeiro semestre, segundo semestre, terceiro semestre e que a universidade já tinha isso, mas nós não estávamos na universidade. Então, a gente tinha liberdade de programar e, depois, se mandava para o Ministério da Educação, a cargo do Conselho Federal, que reconheceu.

K.D. - Motivo... Diria tempos que a senhora percebe que a ESEF teve as maiores mudanças ou que chamou atenção para senhora, mudanças significativas...

I.H. - Na ESEF? É, chamou sim e cada professor experimentava... Eu sempre... Eu nessa parte de metodologia e tudo, sempre achei que não interessava a gente estudar o método

dos outros. Vamos dizer, dava... Podia dar uma notícia para gente. O Targa<sup>26</sup>, por exemplo, foi quinze anos diretor da Escola, o Targa sempre deu metodologia, então, era aquilo decorado e tudo isso. Mas o Targa foi ótimo, ele percebeu muita coisa da Escola, ele foi um batalhador pela Escola, isso mesmo. Ele não tinha... Antigamente, ele até dizia: “Qual é o teu curso?” “Ah, é educação física.” O Targa não, o Targa dizia: “Meu curso é de Educação Física, é isso e aquilo, sou isso, isso e aquilo”.

K.D. - Tem alguns momentos que chamaram mais atenção?

I.H. - Aqui é a comissão de carreira da educação física. São modificações que nós fizemos.

K.D. - Agosto de 76.

I.H. - É.

K.D. - Momentos fundamentais para ESEF. A senhora destacaria algum da história da ESEF?

I.H. - O quê?

K.D. - De momentos que tenham sido importantes na história da ESEF, além da federalização, por exemplo.

I.H.- Eu acho que o momento...Olha, eu vou te dar aqui...O momento importante na Escola, na ESEF, tiveram diversos momentos, porque nós fomos sempre muito, vamos dizer, a gente, apesar de ser mera professora da ESEF, todas...Querida que tu visse uma reunião da ESEF, o interesse era tão grande, que muitas vezes na reunião, precisa disso, precisa daquilo, um aluno fez isso, um aluno fez aquilo, demonstrou ginástica assim, como é que eu faço e era a coisa mais engraçada, eu dizia: “Vocês já repararam que a ESEF não precisa de falar.” [risos] Falamos que nem sei, porque a demonstração era feita pelo professor. Esse aluno levanta a mão assim e eu mandei ele levantar do lado horizontal, então, era tudo demonstrado, além de muito interesse na ESEF. Os alunos da escola faziam

---

<sup>26</sup> Jacintho Francisco Targa

excursões, se comunicavam com outras Escolas. Muitas vezes, nós hospedamos aqui as Escolas de São Paulo, de Minas Gerais, uma coisa assim. A gente também foi até lá, eu acho que havia uma troca.

K.D. - Sobre o processo de federalização, a senhora participou do processo de federalização da Escola?

I.H. - Participei dentro dele [riso].

K.D. - Pode descrever um pouquinho ele para gente?

I.H. - Olha ele foi... A ESEF estava com treze hectares de terra, com bastante, vamos dizer, bastante imóveis ali, e, uma vez, nós emprestamos para o exército, isso nós fizemos naquela época. E, um militar, uma vez, me disse: “Professora, a gente não dá geladeira, a gente ensina a gelar!” Deixei por isso mesmo, eu não queria discutir nada, aí ele... Os daquele tempo da ESEF...O que tu perguntasse mesmo?

K.D. - A federalização, o processo de federalização...

I.H. - Ah! O processo de federalização... A federalização foi feita assim, a universidade... Eu tenho aqui até a portaria de acesso que a ESEF fez e eu fiz parte da comissão que federalizou a Escola para dentro da UFRGS. A UFRGS não tinha Escola de educação física, então, o conselho universitário federalizou, aceitou e, então, foi para o ministério. Isso que eu sei e, eu dei muito, vamos dizer assim, pareceres e entrevistas naquela época, porque... Que é isso aqui?

K.D. - Com a federalização, o que mudou no cotidiano da Escola?

I.H. - Não entendi, vou botar meus ouvidos, está na hora, não gosto de botar.

K.D. - Com a federalização, o que mudou no dia-a-dia da Escola?

I.H. - Ah, mudou, a importância foi outra, eu acho, porque aquela Escola separada das outras, uma escola que era estadual, passou a ser federal, foi outra coisa. Os próprios professores ganharam com isso, porque passou a regime federal. Nós entramos como professores adjuntos, adjuntos 4º grau, adjunto quatro na Escola, na ESEF, na Universidade. Quer dizer, que já aí, melhorou a parte financeira e, entramos na universidade com todos os direitos e deveres inerentes a professores da ESEF, da Universidade. Tanto que, nós temos, até hoje, ADUFRGS<sup>27</sup>, a Associação dos Docentes da Universidade. Para nós, foi uma beleza, professores e alunos com curso reconhecido de graduação a nível superior, eu sou reconhecidamente... Então, eu acho que a Escola ganhou com isso aí!

K.D. - Diante dos aspectos pedagógicos, gostaria que a senhora falasse um pouco da relação professor-aluno.

I.H. - Da Escola? A minha foi ótima, a minha sempre foi maravilhosa. Eu posso falar de todos os professores, não havia um professor detestável. Tinham alguns que eles não gostavam. Eu achei graça uma vez que a professora Quintina<sup>28</sup>, ela era junto comigo na educa... E, na ginástica geral também e, os alunos disseram assim: “Puxa professora, está com hora de se aposentar e tem tanto velho por aí” Eu olhei para mim mesma: “Está bem, vamos embora.” “Não, mas a senhora não é velha” [riso] Assim que eles me viam. Disseram aquilo espontaneamente, e a Quintina ria muito da história e as gurias adoravam também a Quintina.

K.D. - Até 83, que foi o ano que a senhora ficou na Escola, ainda tinham testes físicos, uniforme obrigatório, essas coisas?

I.H. - Tinham. Até quando?

K.D. - 83?

---

<sup>27</sup> Associação dos Docentes da UFRGS.

<sup>28</sup> Quintina Cândida Marna Letícia Rachel Crocco Paccini

I.H. - Não, aí o uniforme tinha para prática, tinha sempre. Não tinha aquele regime militar: hoje o uniforme número um, amanhã é o uniforme número dois...

K.D. - E, isso existia anteriormente?

I.H. - Existia [riso]. Tinha uma vez, no auditório do colégio, daqueles da escola, ali perto da Reitoria mesmo, como é o nome? Eles fazem concurso ali, é o colégio, aquele colégio grande que tem ali na praça da Redenção...

K.D. - Instituto de Educação<sup>29</sup>?

I.H. - O Instituto de Educação! Uma vez nós estávamos lá no salão do Instituto de Educação e, o diretor de ensino, que naquela época tinha diretor de ensino, ele estava dando umas ordens: “Amanhã vocês venham com uniforme - e estava um frio de lascar - o uniforme número um, porque nós temos que receber uma visita, não sei o quê”. Me lembro sempre a visita do passarinho da escola e, tinha uma aluna, o nome dela era Audácia Schneider<sup>30</sup> [riso]. A Audácia levantou o dedo e, fez assim para ele, para perguntar alguma coisa e ele disse: “Não.” E, ela estava de casaco de pele e chapéu de pele, ele olhou para ela e disse: “Nem de pele, nem de pelinho, nem de pelão, tem que vir com o uniforme número um.” A gente era assim.

K.D. - Quantos uniformes tinha?

I.H. - Tinha o uniforme de campo, que era calção e tinha uma blusa que era inteira, para gente não mostrar a sunga como eles diziam [riso]. Tinha um maiô. Uma vez, eu fui suspensa porque eu pensei que eu podia botar meu maiô bonito e, não botei o da Escola. Para quê? Porque o maiô da Escola, era uma maiô de lã. A gente entrava na água, a saia começava a pesar e, a gola ficava quase pela cintura [riso]. Cada uma com aquele maiô, coisa mais horrível! Então, a gente não botava aquele maiô. Podendo escapar, pronto! Aí, quando eu vi, fui suspensa. Não entra sem ser com o maiô da Escola, era assim.

---

<sup>29</sup> Instituto de Educação General Flores da Cunha, fundado em 1869.

<sup>30</sup> Nome sujeito à confirmação.

K.D. - Os uniformes?

I.H. - Os uniformes eram esse do maiô. O uniforme era todo ele de casaco e saia azul marinho, era o calção e essa blusa branca, o abrigo escrito ESEF nas costas, era [palavra inaudível]. Uma vez, era para botar o abrigo para fazer propaganda da Escola nos bondes [risos].

K.D. - Em que período foi isso [riso]?

I.H. - É foi assim, eram os uniformes todos que a gente tinha que ter.

K.D. - E, a senhora lembra em que período era isso? Para fazer a propaganda nos bondes?

I.H. - Ah! Nos bondes, ai eu nem me lembro sabe, que essas coisas já, eu acho que era perto de 60, 60 e poucos, era nessa época, foi quando terminaram os bondes.

K.D. - E, esse uniforme...

I.H. - Olha aqui. Isso aqui, eu tinha um agradecimento do Reitor. Ah não, eu pensei que fosse a outra comissão da Escola, mas não é.

K.D. - Esse uniforme caiu em que década?

I.H. - Ah, foi! Caiu quando foi estragando e se fez de novo [riso].

K.D. - Como era a questão da pesquisa? Hoje, a gente tem muitos projetos de pesquisa e...

I.H. - É, a pesquisa, nós não tínhamos ninguém que quisesse fazer pesquisa. Nós tentamos fazer, quando eu estava no departamento de ensino e currículo, nós fizemos algumas pesquisas ali na ESEF. Uma das pesquisas que eu fiz, espontaneamente, não posso chamar de pesquisa, mas foi assim: todo o aluno que entrava, eu perguntava porque tinha entrado na ESEF, porquê? Nenhum dizia que queria ser professor, nenhum. Todos queriam ser ginastas, queriam ser isso, queriam ter acesso a clubes, queriam ter isso e aquilo, mas

nenhum queria ser professor. Eu me lembro, que essa parte didático-pedagógica, ela ficou muito, quer dizer, a gente quase que tinha que imprimir algumas páginas de aluno, foi quando começou a prática de ensino. Nas aulas, nós tínhamos uma equipe de professores e, a gente fazia um plano de prática de ensino e, colocávamos em ação. Tinha que fazer um relatório, era quase como uma pesquisa.

K.D. - Pode-se dizer que a prática de ensino foi uma estratégia para...

I.H. - Olha, minha foi. Agora, era normal, nós tínhamos uma Universidade, foi depois que eu entrei para Universidade que eu comecei a ver a estrutura dela todinha. E, a prática de ensino, nós éramos do departamento de ensino e currículo, por aí tu vê; então, a prática de ensino, nós tínhamos vinte e três licenciaturas que faziam prática de ensino, cada uma na sua área. Eu lecionei prática de ensino para enfermagem, também atendi alguns outros cursos misturados e, a ESEF, porque era difícil de ir na ESEF naquela época. Eles eram [palavra inaudível] [riso] e, as professoras da universidade... Mas tinham pânico de ir para ESEF, porque eles é...

K.D. - Por quê?

I.H. - Porque eles eram ricos, geralmente a gente recebia alunos das outras práticas de ensino, alunos que vinham da matemática, que vinham da física, que vinham da química, que vinham... Eram 23 licenciaturas, então vinham, faziam parte da didática e, depois, durante a prática de ensino, a gente... Agora, a única que era uma, era a ESEF, que era uma porção de alunos para didática e uma porção de alunos para prática de ensino.

K.D. - Mas os professores que orientavam a prática de ensino eram da ESEF?

I.H. - Nós éramos do departamento de ensino e currículo, mas eles davam graças a Deus que nós estávamos lá [riso]. Eu, até como chefe do departamento, eu fui dar prática de ensino da ESEF, porque a ESEF era muito... Eles tentavam... É, vamos dizer assim, passarem os professores para trás [riso]. Havia detalhes, a gente tinha que saber. Eu me lembro que uma vez me largaram prática de ensino de vinte horas para enfermagem. O que eu vou fazer vinte horas com essa gente? Vinte horas por semana? Não vou fazer nada,

tinha que estudar tudo, a parte de saúde das escolas, tive que estudar toda a parte de saúde e fazer um plano para eles e foi aí. Mas é uma coisa assim...

K.D. - Hoje em dia, quem dá a prática de ensino para educação física, são professores da educação física.

I.H. - [riso] Ah! Então, ganhou um departamento. São professores de educação física? Pois é, naquele tempo, no meu tempo, até 83, quem deu prática de ensino fui eu, porque estava no departamento de ensino e currículo. A psicologia educacional, por exemplo, eu dei para eles, para ESEF, porque é psicologia aplicada. O que adiantava dar psicologia educacional, eles não queriam ser professores, não é? Então, é tudo isso aí, era um impasse para gente, as professoras da universidade se sentiam...

K.D. - E, tinha projeto de extensão?

I.H. - Projeto sim, nós fizemos projeto de extensão. Esse curso para cegos, mas não para ESEF em si, para os próprios dos alunos da ESEF. Fizemos o curso para cegos, vamos dizer assim, a Truide<sup>31</sup>, a professora Truide que era fisioterapeuta. Ela chamava, dizia que era fisioterapólita porque era alemã [risos]. Então...

K.D. - A relação da direção da Escola com a reitoria...

I.H. - Hum?

K.D. - Tinha uma boa relação entre a direção da escola e a reitoria?

I.H. - Sempre teve! A reitoria de fato, reconheceu a Escola como um...

K.D. - E, o que a senhora lembra do perfil dos servidores da UFRGS, da ESEF?

---

<sup>31</sup> Nome sujeito à confirmação.

I.H. - Olha, o perfil dos servidores da ESEF era muito bom. Eu sempre gostei, gostava muito deles, não incomodava mesmo, não tinha nenhum diz que disse, nem vai para lá, vem para cá, até houve um caso só do... Mas...

K.D. - E, o perfil dos professores que passaram?

I.H. - É, tinha curso também da ESEF, tinha curso de dança, curso de... Sempre tinha uns cursos de extensão. Teve curso de dança, teve curso de ginástica, teve curso de folclore, teve curso... Esses cursos tinham sempre na ESEF. E, até São Paulo, que a gente ia muito a São Paulo fazer curso de revisão. Curso de revisão, a gente ia e estava sempre atualizada.

K.D. - O perfil dos professores da Escola, qual era?

I.H. - Hum?

K.D. - O perfil dos professores da escola, quanto a engajamento em associações, quanto a fazer cursos para se manter atualizados...

I.H. - Era muito bom. Eu gostava muito, tanto que uma vez eu acompanhei isso. Deixei até os meus filhos em casa, e fui até Bauru<sup>32</sup>. Foram lá, fizeram curso lá de Bauru, fizeram uma, como é que chamava ESEFÍADE. Muitas escolas de lá, vieram aqui, fizeram campeonatos, eles foram lá fazer campeonato também e, foram muito bem tratados.

K.D. - ESEFÍADE era uma competição entre as ESEF's?

I.H. - É.

K.D. - Do país?

I.H. - É, entre as ESEF's.

---

<sup>32</sup> Cidade do Interior do Estado de São Paulo.

K.D. - Iula algum fato pitoresco que a senhora tenha vivenciado na Escola e gostaria de nos contar?

I.H. - Nem me fala [riso] de pitoresco. Barbaridade, o que eu me diverti nessa Escola. Eu estou só vendo aqui que foi uma aluna minha que escreveu, uma vez que eu fui paraninfa homenageada. Ah! Isso aqui...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

I.H. - É que não conseguia marchar [riso], ela marchava com o pé [riso]. Então, [palavra inaudível] mandava ela fazer a volta no campo, [riso] quando ela estava lá do outro lado, ela gritava: “fulana” e ela quase se desmanchava. O outro dormiu, naquele tronco de árvore atravessado. Estava [riso] com tanto sono que caiu [riso] dormindo. Eu vou te dizer, as aulas de remo eram na praça da Redenção, naqueles barcos salva-vidas daquelas... Aqueles barcos que atravessavam o Guaíba, aqueles da II Guerra Mundial; então, nós andávamos naquele barcão, daquele tamanho, e [palavra inaudível]. Coitado, tem medo de cair de lá da ponta do barco [palavra inaudível]. Natação, era lá no Iate Clube<sup>33</sup>. A natação a gente ia para natação... Um dia, de repente - todas tinham namorado - o namorado me convidou para sair com ele, aí, enquanto não me meteram na água, não descansaram, eles me atiraram vestida e tudo, porque uma das alunas estava morrendo.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>33</sup> *Yatch Club*